



## **O Ritmo do *Hip Hop Periférico: Micropolítica, Inventividades e Resistência?*<sup>1</sup>**

**Julimar da Silva Gonçalves<sup>2</sup>**

**Norma Missae Takeuti<sup>3</sup>**

**Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PPGCS/UFRN**

### **Resumo**

O artigo é fruto de uma pesquisa de doutorado, ainda em andamento, cuja temática abarca o segmento juvenil, engajado em um movimento por eles definido como *movimento hip hop*. Às luzes de Foucault e Deleuze, percorremos a pista de que o *hip hop* representa um *acontecimento discursivo* importante que dá emergência a novos saberes locais ao mesmo tempo em que representa resistência e confrontação à desigualdade social. Inspirados em Deleuze construímos a hipótese na qual as letras de *hip hop* enquanto *mapa ou retrato periférico* comportam o sentido próprio da periferia no que diz respeito a discursos, sentimentos, maneiras de agir e de resistência social.

### **Palavras-chave**

*hip hop*; micropolítica; resistência; inventividades; *periferia*

O *hip hop* enquanto primeiras manifestações surgiram nos EUA e se expandiram por todo o mundo adquirindo características particulares de cada localidade. É composto tradicionalmente pelo rap, grafite, MCs e *break-dance (b-boys)*. No Brasil, o *hip hop* vem assumindo contornos cada vez mais particulares, agregando além destes elementos, a literatura e formas particulares esportivas, como o basquete de rua<sup>4</sup>.

O fenômeno do *hip hop* é intitulado pelos jovens como *movimento*. Fato interessante que nos leva a refletir sobre o seu significado. Identificamos que no Brasil, ocorreu nos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Intercom Nordeste 2010, na Divisão Temática 07 - Comunicação, Espaço e Cidadania, do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

<sup>2</sup> Graduada em Ciências Sociais com Mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais na UFRN. Tem experiência de pesquisa na área de Sociologia e Antropologia, com ênfase em antropologia cultural e urbana. E-mail: julimarg@digicom.br.

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora-pesquisadora de Sociologia no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, Brasil. Pós-doutorado em Sociologia Clínica, Université Paris 7 – Denis-Diderot, Paris-França; Doutorado em Estruturas e Mudanças Humanas, Université de Paris 9 – Dauphine, Paris-França. E-mail: nortak@uol.com.br.

<sup>4</sup> Experiências no Brasil relatadas no site <http://www.cfpa.org.br/>.



últimos trinta anos uma *proliferação do hip hop* ao lado da construção voraz de uma *cultura periférica*, sobretudo no campo da literatura.

Exemplos desta construção são as produções literárias sobre o *hip hop* por Ferréz, Sergio Vaz e Alessandro Buzo em consonância com o seu poder de mobilização na *periferia*<sup>5</sup>, além das produções nas redes social como o Blog Linhas da Lima<sup>6</sup>. Sobre este dado trouxemos a Cooperifa<sup>7</sup> enquanto espaço de produção de cultura e mobilização social:

Cooperifa é um movimento cultural de/ para periferia. É um movimento cultural realizado e pensado sob a benção da comunidade. A Periferia é, e sempre será o motivo da nossa luta, da nossa perseverança. É um movimento criado para incentivar a leitura e a criação poética. Para pessoas que nunca tiveram contato com os livros, com a poesia. Não é um movimento de intelectuais de subúrbio, para a masturbação literária. Nem tampouco o suprasumo dos movimentos culturais que existem felizmente, aos montes, no Brasil. Ao contrário do que muitos pensam, a Cooperifa não é um movimento contra qualquer coisa que exista, seja do centro, seja de classe ou de cor, é um movimento a favor da periferia. Um movimento em prol das pessoas da quebrada, e de tantas outras que se espalham pelo país. É um movimento a favor do ser humano, do cidadão, do trabalhador, da mulher, do analfabeto, dos sem-palco, e por aí vai.

Além disto, com a Cooperifa percebemos o movimento de oposição à padronização social e a valorização do espaço original: “é um movimento a favor da periferia [...] a favor do ser humano”:

---

<sup>5</sup> Na antropologia urbana o conceito de periferia vem ganhando novos contornos em decorrência, a despeito de classe social, da migração de populações do centro para as áreas periféricas da cidade, muito bem representada nos dias atuais pela proliferação dos condomínios de luxo. Nesta problemática o conceito de periferia refere-se ao lugar de contradições, estigmas e desigualdades sociais que resiste às mudanças estruturais da vida urbana. Nos bairros da periferia captamos inúmeras *faltas* inerentes a este lugar social conforme definido por Glória Diógenes (1998).

Serpa (2002) afirma que é preciso superar a velha dicotomia “centro versus periferia”, já que o processo de formação e consolidação de centralidades urbanas é dinâmico e requer uma escala de análise para hierarquização dos vários “centros” em um contexto regional, metropolitano e municipal. O espaço urbano é sempre fragmentado, mas também articulado, daí a idéia de uma hierarquia (relativa) de centros e periferias. Trabalhar o espaço urbano baseando-se numa rígida noção de “centro versus periferia” esconde, na verdade, uma rica diversidade de situações, expressa na idéia de “bairro”, como uma unidade morfológica e estrutural, seja o bairro central ou periférico.

<sup>6</sup> Disponível em: <http://linhasdalima.blogspot.com/2007/12/o-que-periferia.html> enquanto espaço reservado para oficinas de redação com jovens do bairro Pau da Lima em Salvador.

<sup>7</sup> A Cooperifa – Cooperativa Cultural da Periferia – situa-se nos arredores do Capão Redondo, em São Paulo, foi criada por Sergio Vaz. É um espaço promotor de saraus, mostra de vídeos e exposições artísticas. De acordo com os dados apresentados no site da Cooperifa, nos saraus já foram lançados mais de quarenta livros de poetas e escritores da periferia.

Cooperifa – Cooperativa Cultural da Periferia enquanto espaço de produção de cultura e mobilização social. Disponível em: <http://coleccionadorpedras.blogspot.com/2007/06/cooperifa-cooperativa-cultural-da.html>.



#### Projeto "Poesia das Ruas" Ritmo e Poesia.

O Projeto Poesia das Ruas é um sarau dirigido a rimadores e rimadoras do Rap. É um espaço para o exercício da criação poética. Sem música, MCs declamarão suas letras, compartilhando talento literário. Iniciativa do poeta Sérgio Vaz, o Sarau do Rap é realizado em parceria com a Ação Educativa e acontece toda última quinta-feira do mês.

Fundador e coordenador do Sarau da Cooperifa, Vaz, pretende buscar, através da oralidade, um incentivo para a criação poética. Rap é ritmo e poesia (rythman and poetry).

#### Ação Educativa

Rua: General Jardim, 660 - Vila Buarque - SP

Entrada: Gratuita - Capacidade de lotação: 200 pessoas

### **SARAU DA COOPERIFA NO METRÔ**

Povo lindo, povo inteligente,

Ontem o sarau da Cooperifa se apresentou na estação Santa Cecília do Metrô, a convite da POIÉISIS, que é quem coordena o projeto. Agradecemos a homenagem.

Foi um dos saraus mais emocionantes que nós já fizemos dentro destes quase oito anos de poesia na periferia, e olha que nós já rodamos por aí.

Imaginem vocês que os trabalhadores e trabalhadoras iam saindo dos trens e sendo recebidos com a poesia produzida com o mesmo suor que se lapida o cotidiano deste povo simples e maravilhoso que sustenta este país. Nada mais justo. E se fizermos as contas, foi mais ou menos assim: Poesia + Suor do trabalho = Cooperifa.

#### **Cinema na laje**

O filme "Simonal - ninguém sabe o duro que dei" causou um impacto tão grande na Cooperifa que as discussões rolaram até a meia-noite, e se não manda o povo embora... Foi uma noite chuvosa, mas a casa estava cheia para ver o filme, para participar do debate. Queria agradecer à Roseli Loturco que organizou o evento, ao Simoninha, à Claudia e ao Rubinho pelo bate-papo esclarecedor sobre o que realmente aconteceu com o Simonal. E o que realmente aconteceu? Veja o filme, ou então, frequente o cinema na laje da Cooperifa. É isso. Cooperifa= muita luz, pouca câmera e muita ação!

A próxima sessão será dia 7 de setembro com uma mostra de cinema nordestino, até lá.

Sérgio Vaz

Vira-lata da literatura

Residem nestas experiências, movimentos, ritmos, que não se resumem a momentos estanques e pontuais. Construimos a hipótese inspirados em Deleuze na qual este *mapa ou retrato periférico* comporta o sentido próprio da periferia no que diz respeito a sentimentos, crenças, valores e maneiras de agir.



O blog Linhas da Lima<sup>8</sup> sinaliza as transformações ocorridas nas relações estabelecidas entre os sujeitos e a cultura através de produções literárias em uma oficina virtual. Esta experiência sinaliza algo mais amplo: as simultâneas transformações ocorridas nos últimos anos trouxeram consigo desdobramentos no que concerne às relações estabelecidas entre a sociedade, a política e a economia. E o blog espelha este cenário:

Segundo o Aurélio, periferia é uma "superfície ou linha que delimita externamente um corpo". Assim delimitada, a palavra periferia já chega acompanhada de preconceitos, associada com violência, pobreza, tristeza. Este blog é para provar justamente o contrário! Ele é resultado de uma oficina de redação com jovens do bairro de Pau da Lima, na periferia de Salvador. Aqui, nós vamos deixar pra lá as "delimitações"! Não há limites para a inteligência, os sonhos e a criatividade destes jovens. Aqui eles escrevem tudo o que pensam e sentem. Com vocês, as Linhas da Lima! Andréa Medrado<sup>9</sup>

Debruçando-nos mais especificamente sobre o *hip hop*, no tocante as suas letras, sobre o quê elas falam? Vejamos o que diz o Grupo Fator Real, de Natal- RN:

Em meio a dificuldades e perdas nunca baixamos a cabeça [...] a periferia segue  
nessa guerra inacabada [...]  
Fator real virando o jogo [...]  
O nosso povo sofre e isso é ruim [...] meu povo sofre e o governo diz que nada  
pode fazer [...]  
Ah se mudasse [...]  
Periferia tem muita gente de sangue quente [...]  
Governo não ajuda, não dá educação, muito moleque com oitão na mão [...]  
Nós da periferia somos tratados como lixo [...]  
(Trechos de letras de músicas do grupo *hip hop* Fator Real – Bairro Guarapes/Natal-  
RN)

Neste exemplo elas retratam a realidade social vivenciada na *periferia* expressando as condições urbanas precárias, tanto no plano material quanto subjetivo, que bloqueiam a realização de um lugar social menos sofrido, dotado de dificuldades e perdas. Por outro lado, as produções artístico-culturais na periferia podem representar novas maneiras de reinvenção do cotidiano, de confrontação e de resistência à desigualdade social, de constituição de novos saberes<sup>10</sup> constituídos por elementos de contestação, resistência,

<sup>8</sup> “Este blog é resultado de uma oficina de redação com jovens do bairro de Pau da Lima, na periferia de Salvador. Não há limites para a inteligência, os sonhos e a criatividade destes jovens. Aqui eles escrevem tudo o que pensam e sentem. Com vocês, as Linhas da Lima!”

<sup>9</sup> Disponível em: <http://linhasdalima.blogspot.com/2007/12/o-que-periferia.html> enquanto espaço reservado para oficinas de redação com jovens do bairro Pau da Lima em Salvador.

<sup>10</sup> FOUCAULT, 1976.



transgressão, que subvertem a ordem social normativa, constituindo-se, por que não, em *via de saída* da condição de desigualdade social.

Além disto, consideramos a escrita do *hip hop* enquanto texto literário que representa polifonia, exercício de diálogo e ambivalência. Escrita que há seu tempo, reescreve a história, a sociedade, a experiência poética. Uma escrita que dá visibilidade a autores do cotidiano, do fazer comum, nas palavras de Foucault (1976), portadores de um *saber desqualificado*. Uma literatura enquanto construção social que vai ultrapassar novas reordenações de mundo e extrapolar a própria convenção social.

Estamos tratando de jovens engajados no *movimento hip hop*, e o nosso objetivo consiste em capturar, através das suas letras de músicas a elaboração de um *movimento micropolítico* enquanto atitudes que revelam uma política da vida em um cotidiano eivado de desigualdade social. O *hip hop* como apreensão do movimento, da dinâmica da vida.

Nossas investigações são alicerçadas pela problematização do que escapa ao controle em uma sociedade (DELEUZE e GUATTARI, 1980). Para além de uma análise em termos de biopoder e biopolítica (FOUCAULT, 1995, 1999), seguimos as pistas apontadas por Foucault em relação à constituição de um *acontecimento discursivo* que dá emergência ao surgimento algo novo no campo da cultura *periférica*.

Estaremos atentos para o *movimento micropolítico* que representa novas formas de reinvenção do cotidiano e de resistência à desigualdade social. No caminho teórico apresentado por Rancière (2006) estas experiências artístico-estéticas são modos de dividir e compartilhar as experiências do sensível comum.

O autor aborda as próprias práticas artísticas como formas modelares de ação e distribuição do comum, uma vez que, segundo ele, elas são “‘maneiras de fazer’ que intervêm na distribuição geral das maneiras de fazer e nas relações com maneiras de ser e formas de visibilidade”. Há construção de uma *subjetividade política* que provoca, resiste e confronta as relações de desigualdade social.

Na abordagem de Certeau (1994) vimos que a *bricolagem* da vida cotidiana permite a *gestação de jogos sociais*, implicando na “manipulação” do *instituído*, nos quais os indivíduos se movimentam, no sentido de propiciar, espontaneamente, a criação de práticas diferenciadas em espaços sociais determinados. Essa “manipulação” do *instituído* representa a eficácia do *querer viver*, apesar de todos os percalços cotidianos. Com Certeau este movimento de “manipulação” do *instituído* compõe a rede de uma



antidisciplina. Elementos como esperteza, táticas, jogos ou maneiras diferenciadas de utilizar o sistema social representam uma *força criadora* capaz de superar as desigualdades e contradições inerentes a sua realidade particular.

Nas trilhas de Deleuze (1996), uma sociedade se processa por seus fluxos de *desterritorialização*, isto é, por suas *linhas de fuga* que estão imbuídas de multiplicidade.

O conceito da multiplicidade é apresentado pelos autores Deleuze e Guattari (1995) através do conceito de **rizoma**, que a botânica define como um tipo de caule horizontal subterrâneo, mas que pode ser também aéreo, que funciona como reserva de energia e que exhibe ramos floríferos. Ex. genbigre, bambu, banana. Os rizomas podem também apresentar nós que, como no caso do capim, desenvolvem raízes para seu crescimento e servem como órgãos de reprodução assexuada. No entanto, para os autores, o rizoma não se limita à materialidade do caule, mas é formado também por outros elementos da natureza como o ar, a terra, os animais e tudo o mais que de imaterial contribui para sua existência. “Os animais, em forma de matilha, são rizomas”. (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p.15).

O conceito de rizoma está associado à ideia do fora, das linhas de fuga que compõem o “entrelaçamento móvel das forças de territorialização e desterritorialização” que na nossa hipótese contribuirá para a compreensão das letras do *hip hop*. O que estas letras dizem? O que provocam?

E, é no conceito de devir<sup>11</sup> que reside a possibilidade de capturar as singularidades dos movimentos *micropolíticos* destes jovens *periféricos* enquanto processo, nunca como início, meio e fim de uma experiência, mas um processo, uma resistência, uma criação a partir dos seus próprios meios: uma *insurreição nas palavras deleuzianas* na qual o sujeito evoca novos poderes e novos saberes que ao ocorrerem escapam tanto dos saberes constituídos quanto dos saberes dominantes (Vargas, 1990).

E quanto aos efeitos, dito de outra maneira, às repercussões causadas por estes movimentos juvenis, em particular o *hip hop*, retomando as letras apresentadas anteriormente, tanto no nível micro circunscrito à relação jovem-periferia, quanto no nível macro, jovem-sociedade-periferia, sugerem, na esteira de Foucault (1979)

---

<sup>11</sup> O devir não é história; a história marca somente o conjunto de condições — por mais recentes que sejam — das quais desviamos para "devirmos", quer dizer, para criarmos alguma coisa de novo.



possibilidades de novas formas disruptoras de relacionamento consigo e com os outros?

É um movimento micropolítico de construção e reconstrução do sujeito?

Seguimos os estudos de Takeuti (2002, 2004, 2009) nos quais afirma que o *hip hop* tem produzido efeitos inesperados e múltiplos espelhando novas maneiras de ver, sentir, pensar e viver uma *periferia* que está se transformando. É neste contexto multifacetário que ancoramos o nosso *movimento investigativo*.

Nas pistas fornecidas por Foucault, Deleuze, Guattari, Certeau, Rancière, Takeuti, reside, acreditamos, a compreensão destes novos fazeres cotidianos periféricos no tocante à afetação, captura e devolução, para a construção e reconstrução dos sujeitos. Esta problemática se situa no nível da produção de subjetividades, se refere aos modos de expressão, modos de viver, modos de pensar, específicos e singulares. Capturá-los e expressá-los o tanto quanto mais próximo a seu significado representa o nosso desafio.



## Referências bibliográficas

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**, v.1. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

COSTA, Rogério da. Sociedade de controle. In: **São Paulo em Perspectiva**, 18(1): 161-167, 2004.

COSTA, Sylvio de S. G. Pensar e viver: problema micropolítico. In: **Nietzsche e Deleuze – Pensamento nômade**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano 1: artes de fazer**, Petrópolis: vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles. **As estratégias ou o não-estratificado: o pensamento do lado de fora (poder)**, pp. 78-100. In: Foucault (1986). São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs – Capitalismo e esquizofrenia**. Vol.1. (1980). Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**, R. Machado (org.), Rio de Janeiro, Graal, 1979.  
SHUSTERMAN, Richard. **Vivendo a arte – O pensamento pragmatista e a estética popular**, São Paulo: Ed. 34, 1998.

TAKEUTI, Norma Missae. **No outro lado do espelho social: a fratura social e as pulsões juvenis**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Natal-RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2002.

\_\_\_\_\_. As redes sociais no campo do protagonismo juvenil. in: **Tomo, Revista do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais/UFS**, São Cristóvão-SE, NPPCS/UFS, no. 7, 2004.

\_\_\_\_\_. Saberes em construção: coletivo jovem em formação na sua resistência social (pp. 203-221). In: **(Auto)biografia: formação, territórios e saberes**, PASSEGGI, M. da C. & SOUZA, E. C., São Paulo: Paulus; Natal: EDUFERN, 2008, pp.203-221.





\_\_\_\_\_. Movimentos culturais juvenis nas “periferias” e inventidades sociais. In: **América Latina e Brasil em perspectiva**, MARTINS, P. H. & MEDEIROS, r. (orgs.), Recife: ed. universitária da UFPE, 2009a, pp. 331-350.

\_\_\_\_\_. Desafios da abordagem socioclínica e biográfica no contexto sociocultural e político brasileiro. In: **Reinvenções do sujeito social – teorias e práticas biográficas**, TAKEUTI, N. M. & NIEWIADOSMKI, c. (orgs.), Porto Alegre: editora Sulina, 2009b, pp. 74-94.